

A MONUMENTAL MISTIFICAÇÃO

Ao chamado trabalhismo nada deve o trabalhador brasileiro, senão a escandalosa exploração de que é paciente. Um simples jôgo de palavras — trabalhador e trabalhista — servido por uma poderosa máquina de propaganda, explica a monumental mistificação. Ao trabalhismo nada devem os proletários, porque a tão gabada legislação social, cujo mérito a ignorância e a má-fé atribuem ao sr. Getúlio Vargas, isto é, ao fundador do Partido Trabalhista, viria sem êle, já tinha começado a vir, antes que êle fôsse arrastado à Campanha Liberal e à revolução consequente. Era uma obrigação, que, ainda na «República Velha», e como os demais países, o Brasil assumira, na qualidade de membro da Liga das Nações. E figurava no programa da Aliança Liberal, programa em que nenhuma intervenção teve o sr. Getúlio Vargas, que, com certa hesitação, e aceitou passivamente. O sópro renovador, que em tal programa se sentia, provinha de elementos políticos, como o sr. Antônio Carlos e o Partido Democrático Nacional, do qual o Partido Libertador era a ala meridional. E mais tarde, já estando o candidato liberal no poder, foi com dificuldade que o sr. Lindolfo Collor, primeiro ministro do Trabalho e inspirador da reforma, conseguiu ir arrancando, ao suposto chefe da Revolução, os decretos que a realizavam. Isto a princípio, enquanto o ditador, que pretendia perpetuar-se no poder, não compreendeu o alcance que, para o seu objetivo, teria a política social. A partir deste momento, nada mais o reteve: despenhou-se no radicalismo o político provinciano, conservador e retrógrado, que sempre fôra. O sr. Getúlio Vargas não foi um reformador, senão, simplesmente, um aproveitador.

A sua insinceridade demonstra-se na maneira como organizou a assistência e a previdência sociais. Fêz dos famosos institutos meros instrumentos políticos e verdadeiros organismos parasitários, que expoliam os trabalhadores e encarecem sem real proveito a produção. Os supostos beneficiários pagam duas vêzes o falso benefício: pagam-no, como consumidores, na elevação do preço das mercadorias; pagam-no, como produtores, com parte não pequena do seu salário. Como supôr nos promotores desta política verdadeiro interesse pela sorte dos trabalhadores? Não o tinha o instituidor, não o têm os seus seguidores. Na verdade, os trabalhistas exploram os trabalhadores, apresentando-se como seus protetores.

Deixemos, porém, de lado a falência dos serviços assistenciais e previdenciais, bastante por si só a condenar irremediavelmente uma situação política: os governantes dispõem do instrumento necessário, mas, por falta de idealismo, não o utilizam devidamente. Concedamos que tudo, neste setor, andasse bem. Bastaria isto para recomendar os trabalhistas, que, com Getúlio Vargas e depois dêle, têm participado quase sempre do poder? Não, por certo. Os trabalhadores são parte da comunidade nacional; computados os tra-

balhadores rurais, são a grande maioria dela. Padecem, portanto, como os outros e mais do que êles, as consequências do descalabro governamental. Se os recursos públicos se dissipam inútilmente, se as negociatas de tôda ordem desmoralizam e comércio e desorganizam a economia, se os «deficits» se acumulam sobre os «deficits», se a inflação toma um ritmo galopante, que adianta o regular funcionamento dos institutos de assistência e previdência?

Nada; pois, muito mais do que êstes poderiam dar, a desordem administrativa subtrai aos que — empregados e empregadores — vivem do resultado do seu trabalho. Nada mais instrutivo, do que a sucessiva elevação de salários, determinada pela crescente inflação. Cada acréscimo é logo devorado pela elevação do custo das subsistências. Pode tal governo dizer-se muito amigo dos trabalhadores, pode, até, ser por êles constituído, mas o que êle estará fazendo é tornar cada vez mais difícil a vida dos trabalhadores e dos demais cidadãos.

Um bom governo, um governo capaz e honesto é a primeira condição do bem-estar dos que trabalham. Pouco importa a inspiração política, com que se apresente. Isto deveriam começar a perceber os trabalhadores, depois de tão prolongada experiência.